Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A. Tarde (B.H.) Class.: 128

Data: 21 de fevereiro de 1989 Pg.:

Índio quer decidir sobre a Amazônia

Altamira, PA (AG) — Entre rituais, cantos e discursos, cerca de mil índios de 14 nações da Amazônia começaram a discutir os impactos que a construção da Hidrelétrica de Kararaó poderá trazer ao meio ambiente e à comunidade indígena desta região. Pouco antes da abertura oficial do primeiro encontro dos povos indígenas no Xingu, o cacique Paiakan, líder kaiapó e principal organizador do movimento, disse que o objetivo da reunião é dar um fim às decisões tomadas na Amazônia sem a participação das populações indígenas.

Paiakan acrescentou que o índio não confia no branco que pensa ser o dono de tudo o que existe sobre a terra. Se depender da vontade expressa pelas nações presentes no primeiro dia de encontro, a Hidrelétrica de Kararaó jamais sairá do papel. Na manhã de ontem, durante quase duas horas, todos os líderes foram apresentados à comunidade indígena reunida no Centro Comunitário de Altamira.

Além dos kaiapó, participam do encontro representantes dos índios gavião, surui, xavante, pareci, juruna, kuruaya, arara, assurini, cinta larga, ticuna, mutuirucun, capoxi e potiguara. Cada uma destas nações fez sua defesa pela manutenção da Amazônia livre de inundações causadas por hidrelétricas.

O cacique Daniel Kabixi, líder pareci, disse que a comunidade indígena não vai aceitar o progresso de uma hidrelétrica que represente a destruição da terra e o fim de tradições milenares das tribos alcançadas pelo impacto de Kararaó.

APOIO DO EXTERIOR

Um sioux e um mexica, índios dos Estados Unidos e México, chegaram ontem nesta cidade para dar apoio ao encontro ecológico. Ted Means, representante sioux, lamentou que tão pouca informação sobre os índios brasileiros cheguem ao seu país. Ele disse que veio à reunião com bons sentimentos, trazendo a força espiritual de seu povo para o encontro dos povos indígenas no Xingu.

O mexicano Jenaro Domingues, da família mexica, disse que os índios em seu país não aceitam mais ser tratados como parte de um folclore, já que exigem respeito como seres humanos que são. No Brasil, Domingues veio aprender o que seus "irmãos" têm para ensinar ao mundo.

Durante todo o primeiro dia do encontro, o centro comunitário permaneceu lotado por membros da comunidade ecológica e populares de Altamira, simpáticos à causa indígena. Cerca de três mil pessoas, entre índios, ecologistas, populares e jornalistas, encheram o Ginásio de Esportes da cidade.

A segurança da reunião foi garantida por 80 policiais militares, dos quais 60 chegaram ontem de uma corporação de Belém. O início de tensão que se abateu sobre a reunião na noite de sexta-feira, quando cinco tiros foram disparados contra a chácara onde estão acampados os índios que vieram para o encontro, foi dissipado ontem. Uma reunião entre lideranças indígenas e dirigentes da UDR garantiu tranqüilidade para a manifestação. A programação da tarde de ontem foi suspensa através de um acordo celebrado nesta reunião.

Paiakan não aceita sequer discutir a possibilidade de seu movimento sair derrotado com a construção da represa de Kararaó.

Ao final da primeira reunião, as lideranças indígenas ofereceram a palavra ao prefeito da cidade, Armindo Denadin, e ao representante do presidente José Sarney, Fernando César Mesquita, presidente do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis. As duas autoridades que defenderam o projeto de Kararaó receberam vaias da platéia do centro comunitário. Fernando Mesquita disse que Kararaó evitaria a construção de outras nove hidrelétricas na Amazônia.

UDR FAZ PASSEATA

Cerca de 10 mil pessoas participaram da passeata organizada pela UDR e Associação Comercial de Altamira em defesa da construção da Hidrelétrica de Kararaó. O comércio local fechou as portas durante a tarde de ontem e os funcionários da prefeitura e Câmara de Vereadores foram dispensados do trabalho para participar do movimento.

O centro da cidade parou completamente para assistir à passeata de carros, caminhões, motocicletas, charretes e cavalos. Não houve discursos nem panfletagem, os manifestantes apenas repetiam as palavras de ordem: energia e progresso. Apesar dos apelos do cacique Paiakan, a palavra "Kararaó" estava presente em todos os cartazes e em todas as bocas dos manifestantes de Altamira.

Kararaó, para os guerreiros kaiapó, significa um chamado à guerra. Paiakan pediu aos manifestantes que não usassem o termo durante a passeata para que um possível confronto pudesse ser evitado. Não houve distúrbios porque a reunião da tarde do primeiro encontro dos povos indígenas foi cancelada preventivamente.

POVO MAL-INSTRUÍDO

Um dos líderes da passeata, o presidente da UDR local, Wanderlan de Oliveira Couto, disse que a manifestação era pacífica e sem caráter de provocação. Ele afirmou que a cidade de Altamira precisa com urgência da energia que será gerada pela hidrelétrica de Kararaó.

Menos de 1% da energia a ser gerada por Kararaó será consumida em Altamira. Quase toda a produção será transferida para o Centro-Sul e Nordeste. Os populares que participaram da passeata de ontem não foram informados deste fato. O ex-prefeito de Altamira, Antônio Figueiredo Neto, pensa que não é tão importante assim comunicar à comunidade o que será feito com a energia da hidrelétrica.

— O povo não sabe destas coisas porque é mal-instruído. O importante é que nós, seus orientadores, sabemos o destino da energia que Kararaó vai produzir — afirmou o ex-prefeito ao longo da passeata.

As lideranças pró-hidrelétrica querem participar do encontro para discutir a questão ecológica e ambiental da Amazônia com a comunidade indígena. Segundo Wanderlan Couto, os índios têm muita coisa para ensinar sobre a floresta aos brancos de Altamira. Um provável encontro entre os dois segmentos está sendo articulado por Marcos Terena, um dos líderes indígenas do encontro ecológico.

Governo defende hidrelétrica

Altamira e Brasília (AG) — O representante do presidente José Sarney no Primeiro Encontro dos Povos Indígenas no Xingu, Fernando César Mesquita, disse ontem que a hidrelétrica de Kararaó é sinônimo de progresso para uma das regiões mais pobres do planeta. Segundo o presidente do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, "pior que a poluição ambiental é a poluição da miséria e da fome".

Mesquita afirmou que a inundação que o Lago de Kararaó vai provocar não representa mais do que 1% de toda a Amazônia. Ele disse que o governo está identificando interesses externos excusos nas manifestações contra a construção de hidrelétricas na Amazônia.

— O governo não pode aceitar ingerências externas que ameacem a soberania do País. Existem interesses excusos que podem vir até mesmo do Departamento de Estado (Ministério do Exterior dos Estados Unidos). Esta é uma grande orquestração contra o desenvolvimento do País — disse Mesquita, enquanto observava a passeata organizada pela UDR.

O representante de Sarney disse que governo ainda estuda a proposta levada por Sting anteontem ao Palácio da Alvorada. Segundo Mesquita, toda e qualquer decisão só será tomada depois de ouvidos a Funai e o Congresso Nacional.

REDUÇÃO DA DÍVIDA

O presidente Sarney reagiu ontem contra a proposta de redução da dívida externa brasileira em troca da preservação da ecologia na Amazônia. "Jamais alguém levaria essa proposta a sério no Brasil", disse ele, em entrevista antes de embarcar para o Japão.

— Não há dinheiro no mundo, nem compensação que possa ser negociado por um milésimo do território brasileiro — acrescentou Sarney, na Base Aérea de Brasília, depois de haver passado o cargo de presidente da República para o deputado Paes de Andrade.

Já o ministro Abreu Sodré, que embarcou com o presidente para o Japão, tem uma opinião mais flexível. Ele entende que se o dinheiro vier para o Brasil a fundo perdido para ser administrado por uma fundação brasileira, sem ingerência estrangeira, a proposta pode ser considerada.

Em sua entrevista Sarney também lembrou o encontro que terá com o presidente dos Estados Unidos, George Bush (previsto para sábado). Mas não adiantou muito sobre a conversa que pretende ter com o presidente norte-americano.

De acordo com Sarney, a presença de tantos chefes de Estado nos funerais do imperador Hirohito "será uma oportunidade para a troca de idéias, não somente sobre assuntos bilaterais como multilaterais, sobre o panorama político do mundo inteiro".

Sarney ainda lembrou que a colônia de japoneses no Brasil é a maior do mundo e recusou-se a deixar alguma recomendação ao deputado Paes de Andrade. "O deputado não precisa de nenhuma recomendação. É um homem público de grande experiência e de grande patriotismo" — respondeu.

Elucidado crime no Acre

Rio Branco (AE) — O secretário de Segurança do Acre, coronel Carlos Castelo Branco, revelou ontem que será pedida a decretação da prisão preventiva de Gentil (Tilinho) e seu pai Alvarino Alves da Silva, que continua foragido. Os dois estão sendo acusados pelo delegado Nilson Alves de Oliveira de executor e mandante da morte do sindicalista Ivair Higino de Almeida, ocorrida em junho passado, na comarca de Xapuri, durante uma emboscada.

A elucidação do crime pela Polícia só ocorreu depois que o ecologista e líder sindical Chico Mendes foi assassinado e pela pressão foram retomadas as investigações de oito inquéritos, todos envolvendo a família Alves da Silva. Em Brasiléia, cidade próxima de Xapuri, a movimentação da Polícia cresceu nos últimos dias. Osmarino Amâncio, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, está ameaçado de morte e sob a proteção de quatro soldados da Polícia Militar do Acre.

O secretário Castelo Branco confirmou que todos os nomes que estão acompanhando fazendeiros serão interrogados. A presença de policiais foi redobrada a partir da denúncia de que o plano de morte de Osmarino já começou a ser efetivado. "Eles serão identificados, se o delegado julgar necessário" — esclareceu o secretário de Segurança.

JORNAL É ACUSADO

Em Rio Branco, os antropologos Terry Aquino e Mauro Barbosa fizeram um alerta, através do jornal "A Gazeta", responsabilizando o empresário Orley Cameli e o jornal "O Rio Branco" de cúmplices, caso Antônio Macedo, do Conselho Nacional dos Seringueiros, seja assassinado no município de Cruzeiro do Sul. Macedo se destaca no Acre pela proteção de índios e agora passou a dedicar seu trabalho na formação de reservas extrativistas junto aos seringueiros do Vale do Juruá, criando cooperativas de produção e consumo.

Foto: AG

Guerreiro kaiapó monta guarda no sítio onde os caciques se reuniram para decidir sobre Kararaó